

Um ano de interiorização dos venezuelanos no Brasil: xenofobia e fake news enquanto batalhas invisíveis dos refugiados¹

Edna Fátima Pereira da SILVA²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo/SP

RESUMO

Ao completar um ano, a interiorização dos refugiados venezuelanos no Brasil está longe de ser apoiada por uma política pública adequada à dignificação de pessoas em migração forçada. Embora o país tenha recebido o menor número de migrantes entre as nações da América do Sul, as solicitações de venezuelanos respondem pela maioria dos pedidos de refúgio, de acordo com ACNUR, agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para Refugiados. O presente estudo traz como foco de análise a efetividade da comunicação de Estado para orientar quanto aos propósitos e impactos sociais da interiorização de migrantes no país, assim como propõe reflexão sobre as batalhas invisíveis enfrentadas pelos refugiados e pautadas pela xenofobia e as *fake news*. Como metodologia foi utilizada revisão bibliográfica, relatórios de dados e pesquisa exploratória da cobertura do tema pela imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: fake news; xenofobia; interiorização dos venezuelanos; refugiados; redes sociais digitais.

1. INTRODUÇÃO

O fluxo migratório sempre esteve presente na história da humanidade, provocado por fatores diversos que incluem perseguições religiosas, étnicas, políticas, desastres ambientais, guerras ou, simplesmente, pela busca de melhores condições de vida. No entanto, o que vemos crescer nos dias atuais é o trânsito de refugiados, vítimas de tensões sociais presentes em vários países ao redor do mundo. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), atualmente, o mundo vive a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial.

O Brasil, que sempre desempenhou papel protagonista no alinhamento das discussões sobre o acolhimento de refugiados – em 1960 foi o primeiro país do Cone Sul a ratificar a Convenção de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados -, anunciou mudanças em seu posicionamento que enfraquecem sua imagem de país solidário às

¹ Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa em Comunicação Social da UMESP, Bolsista Capes, email. edna.trade@gmail.com.

causas humanas. Em janeiro de 2019, o atual presidente, Jair Bolsonaro, cumpriu a promessa de retirar o Brasil do Pacto Global para Migração, adotado desde o final de 2018 por 164 países para nortear regras mais humanistas de apoio a refugiados.

O governo brasileiro seguiu decisão dos Estados Unidos que, à época do anúncio do Pacto, anunciaram que ficariam fora do Pacto Global para Migração. A tendência global de avanço de políticas mais conservadoras (de direita e com fortes nuances protecionistas) reverbera de uma camada da sociedade que teme por perdas essencialmente econômicas e que possam gerar maior escassez dos recursos públicos destinados a áreas sociais como saúde, educação e segurança.

A sensação que os processos migratórios despertam de maior concorrência por espaço no mercado de trabalho e pelos recursos básicos de políticas públicas em parte da população nativa, transforma-se em oportunidade de alinhamento com discursos eleitorais por parte de governos com apelo populista, assim como em oportunidade para os anseios de segurança por parte da sociedade sejam explorados por narrativas estratégicas de grupos de interesses. Neste cenário, o advento das plataformas digitais sociais torna-se um agravante.

Lucia Santaella (2019, p.30), lembra que “na era hegemônica da comunicação de massas, as notícias eram fabricadas em fontes restritas e relativamente confiáveis”. Com o acesso às plataformas digitais, a sociedade contemporânea rompeu o modelo produtor-receptor de notícia, para ganhar protagonismo em todas as posições, além da condição de propagador por meio dos compartilhamentos em rede. Com isso, o tráfego de informação – verdadeira ou falsa – ganhou novas dimensões. Para a autora, o avanço da cultura do uso das mídias móveis conectadas à internet foi um importante marco para colocar o usuário em interação de qualquer lugar e a qualquer momento.

As redes sociais digitais, com poder de disseminar informações entre as massas nunca antes visto na história da comunicação, tornaram-se canal ideal para a rápida proliferação de *fake news* acerca de diversos temas eleitos como alvo de distorções, para beneficiar interesses isolados. Ainda que divulgar informações não baseadas na verdade ou sem escrúpulos seja uma prática secular para confundir a opinião pública, o que se acrescenta neste momento da história é o uso dessas plataformas como meio útil para ampliar o alcance de conteúdos produzidos a partir da distorção dos fatos ou da criação de conteúdo falso. Em geral, o uso destes mecanismos não almeja o bem-estar comum.

Uma vez que compartilhar é uma das regras ou um dos apelos do funcionamento das redes sociais, geram-se aí as condições para a disseminação de falsas notícias e de boatos. Por isso, costuma-se dizer que as mídias sociais favorecem a fofoca, a novidade pela novidade, a velocidade da ação impensada e do comportamento leviano. (SANTAELLA, 2019, p.31)

Ocorre que o avanço do fluxo migratório no mundo tem seguido em paralelo às crises econômicas e políticas. Do Brasil era possível apenas observar em segura distância, a tragédia dos refugiados pela Europa. Mas a crise da Venezuela atravessou fronteiras e trouxe uma pequena amostra para o país da realidade dos efeitos reais que o fluxo migratório em massa pode causar.

De acordo com informações da Organização Internacional da Migração (OIM) e do Exército, publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo³ desde abril de 2018, quando foi lançado, o programa de interiorização dos venezuelanos de Roraima para outras regiões do país transferiu cinco mil pessoas para 67 cidades brasileiras. Porém, segundo dados da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR)⁴, na América do Sul, o Brasil é o que menos recebe refugiados do país vizinho em crise. Enquanto a Colômbia tem o maior número de migrantes e refugiados venezuelanos, com mais de 1,1 milhão; o Peru vem em segundo lugar com menos de 50% - 506 mil -; o Chile com 288 mil; Equador, 221 mil; Argentina, com 130 mil e, por fim, o Brasil, com 96 mil venezuelanos, entre migrantes e refugiados. Desta lista, no entanto, apenas Brasil e Colômbia têm fronteiras por terra com a Venezuela.

Desta maneira, o objetivo deste artigo é trazer para os debates das ciências comunicacionais o fenômeno das fake news e seus efeitos na formação da opinião pública nos processos migratórios de refugiados, assim como analisar a importância da comunicação pública na condução da harmonização social e acolhimento daqueles que chegam ao país por migração forçada.

Para suportar tal pesquisa foi utilizada revisão bibliográfica de autores que abordam questões relativas às fake news e seus efeitos sobre a veracidade dos fatos, além de obras que alertam quanto ao avanço da xenofobia no mundo e conceito de

³ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/interiorizacao-de-venezuelanos-alivia-roraima-mas-falha-na-integracao-local.shtml>>. Acesso em 01.Jul.2019.

⁴ Disponível em <<https://www.acnur.org/portugues/2019/02/25/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-mundo-atinge-34-milhoes/>>. Acesso em: 01.Jul.2019.

esfera pública. Relatórios de dados e pesquisa exploratória da cobertura da interiorização dos venezuelanos pela imprensa também fizeram parte do estudo.

2. COMUNICAR PARA INTERIORIZAR

A crise política e socioeconômica instalada na Venezuela desde a metade desta década se aprofundou a níveis intoleráveis para a maioria da população, dando início a um dos maiores êxodos populacional já registrado na América Latina e o Brasil, pelas facilidades fronteiriças, está entre os destinos migratórios dos venezuelanos.

Porém, sem contar uma política pública que abarque as principais questões que impactam a dignidade dos indivíduos em situação de migração forçada, associada a uma comunicação de Estado voltado ao esclarecimento social, a interiorização praticada pelo governo brasileiro tem deixado espaços vazios no que diz respeito ao diálogo coletivo quanto às questões humanitárias que sustentam a entrada em massa de estrangeiros no país motivada por migração forçada.

O papel do Estado na mediação de conflitos sociais, invariavelmente necessita passar por uma estratégia de comunicação com foco no esclarecimento dos pontos de tensão. De acordo com Diniz, Taliberti e Guimarães (2012), a democracia plena demanda o acesso compartilhado da informação a fim de garantir de que não fique concentrada em benefício de poucos. A falta de transparência, no entanto, pode causar ruídos entre brasileiros e venezuelanos.

A assimetria de informação entre Estado e cidadão e entre cidadãos se dá quando o Estado e setores privilegiados da sociedade possuem mais informações que outros, quando o Estado não promove a transparência pública e disseminação de informações na sociedade, não é feita de forma equânime e, dessa forma, beneficia poucos setores (DINIZ; TALIBERTI; GUIMARÃES 2012, p. 76).

Desde que a crise socioeconômica se intensificou, a chegada de venezuelanos por Pacaraima (RR), principal rota de acesso ao Brasil, avança a cada dia e as condições de precarização crescem na mesma medida. Em meio ao caos social, reações xenófobas e ondas de *fake news* também surgem para tensionar ainda mais as relações entre brasileiros e aqueles que chegam em busca de refúgio. Em agosto de 2018, após os conflitos entre venezuelanos e moradores de Pacaraima e às vésperas das eleições, o

jornal El Pais noticiou atos de xenofobia, e *fake news* que serviram para pautar discursos políticos de apoio aos anseios populares de vetar a entrada dos venezuelanos⁵.

Para Bauman,

explorar a ansiedade causada pelo afluxo de estranhos – que, segundo se teme, vão empurrar para mais baixo ainda os salários que já se recusam a crescer e prolongar ainda mais as filas já longas de pessoas que procuram (sem resultado) empregos teimosamente escassos – é uma tentação a que bem poucos políticos em exercício, ou aspirando a isso, seriam capazes de resistir (BAUMAN, 2016, p. 16).

As *fake news*, ao mesmo tempo em que contribuem para contaminar o imaginário coletivo, especialmente através das redes sociais digitais, agravam ainda mais o desconforto das centenas de cidadãos venezuelanos que tentam abrigo no Brasil fugindo da escassez do país de origem. Boatos e informações distorcidas passaram a nortear a opinião pública no processo de interiorização, despertando uma espécie de sensação de caos nos brasileiros frente aos desconhecidos e agravada pelo desemprego histórico que o Brasil enfrenta, da ordem de 13 milhões de trabalhadores.

Luiz Alberto Farias (2019) reflete sobre os tempos da comunicação colérica, não movida pela racionalidade. Trata-se de forte oposição, motivada por sensação de prejuízo ou de moléstia, gerando um dos sete pecados capitais: a Ira.

Comunicar em cenários cuja predisposição seja negativa – ou no qual o ambiente seja instável, a priori – é sempre um risco, uma situação de maior empenho e potencialmente menores colheitas. Para a gestão dos relacionamentos em ambientes desse perfil, há a indicação da comunicação de risco associada à comunicação de crises (FARIAS, 2019, p. 125).

Portanto, sem uma política de comunicação social associada ao programa de internacionalização, o governo brasileiro deixa abertas brechas no esclarecimento à população que tornam ainda mais hostil o processo de inclusão de migrantes no Brasil. Neste cenário, a prática das *fake news* toma o lugar de discursos oficiais e reforça ideias protecionistas e xenofóbicas em detrimento das urgências humanitárias, provocadas

⁵ MENDONÇA, Heloísa. O “monstro da xenogobia” ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/17/politica/1534459908_846691.html. Acesso em: 01 jul. 2019.

pelas atuais crises socioeconômicas e políticas. Sejam na Europa ou em países vizinhos como a Venezuela, que enfrenta a maior onda de migração forçada de sua história.

Zygmund Bauman (2016) afirma que os governos não estão interessados em aliviar as ansiedades de seus cidadãos.

Estão interessados, isto sim, em alimentar a ansiedade que nasce da incerteza quanto ao futuro e do constante e ubíquo sentimento de insegurança, desde que as raízes dessa insegurança possam ser ancoradas em lugares que forneçam amplas oportunidades fotográficas para os ministros tensionarem seus músculos, ao mesmo tempo que ocultam os governantes prostrados diante de uma tarefa que são fracos demais para levar a cabo (BAUMAN, 2016, p. 25)

As *fake news* também servem para justificar atitudes de xenofobia em reação à presença de venezuelanos. O site Boatos.org publicou alguns desmentidos acerca da migração venezuelana para o Brasil. Entre as notícias falsas veiculadas nas redes sociais uma delas tratou de divulgar que os venezuelanos receberiam Bolsa Imigrante de R\$ 1.500⁶. A verdade é que se tratava apenas uma ajuda de R\$ 400 por refugiado e concedida pelo governo federal aos municípios que aceitassem receber os venezuelanos. Uma ajuda adicional é oferecida pela ACNUR.

Outras mentiras em torno da crise na Venezuela chegaram a afirmar que o exército do país vizinho invadiria Roraima. Segundo Bauman (2016, p. 06), “o impacto das notícias transmitidas desse campo de batalha quase chega a causar um verdadeiro pânico moral.

Como agravante ao “pânico moral”, fenômeno que se repete nas crises humanitárias que atingem outras nações ao redor do mundo - em especial as europeias por consequência dos refugiados sírios -, concomitante ao avanço da crise na Venezuela, os brasileiros tentam assimilar a própria crise político-econômica que os levou a índice histórico de desemprego. Também neste mesmo período, o Brasil viu avançar a maior polarização política entre grupos ideológicos da esquerda e da direita desde a redemocratização do país. O ambiente pautado pelo antagonismo tornou-se ainda mais adequado para propagar o pânico frente ao desconhecido. Como sugere o título da obra de Bauman (2016), com o avanço da crise no país vizinho, estranhos

⁶ BECKER, Keyne. Venezuelanos vão receber Bolsa Imigrante de R\$ 1.500 do governo brasileiro. Disponível em: <https://www.boatos.org/brasil/venezuelanos-bolsa-imigrante-governo.html>. Acesso em 01 jul. 2019.

passaram a bater em nossa porta provocando o imaginário daqueles que vêem a rotina previsível ameaçada.

Se a hostilidade, a desconfiança com a instituição política e o risco à segurança da própria integridade cidadã passaram a mover os sentimentos de grande parte dos brasileiros frente às dificuldades internas, o uso das redes sociais digitais surgiu como palco ideal para externar as aflições coletivas.

As mídias digitais são o maior marco da transformação em curso no mundo da comunicação de massa e, a reboque, trouxeram o fenômeno das *fake news*. Pesquisa publicada em 2018 revelou que 72% dos brasileiros leem notícias pelas redes sociais.

Ainda que contar histórias alheias sempre foi uma prática apreciada pela maioria das pessoas como forma de demonstração de poder por meio da informação, as *fake news*, em parte, reforçam a necessidade descontrolada do ser humano em protagonizar a propagação destas histórias, ainda que distorcidas e com consequências nefastas.

O sociólogo norte-americano Mark Granovetter (1973) entende que uma rede social digital é um elemento de ligação entre seus membros, especificamente um tipo de vínculo social que determinará o motivo pelo qual uma pessoa estabelece contato com outras. É através desse laço social que se estabelece a difusão das informações na rede de comunicação pela internet. Para tanto, entender os tipos de laços sociais de uma rede virtual de relacionamento passa a ser fundamental para projetar os efeitos e influências tanto do que se posta como do que se compartilha.

Uma pessoa xenófoba não necessariamente compartilhará apenas com xenófobos, o que apenas fortaleceria seu modo de ver o mundo com seus próprios pares. Em seus estudos, o pesquisador conseguiu classificar a força do laço social nas redes virtuais de relacionamento.

Segundo Gronovetter (1973), é possível medir a força de um laço a partir de três principais fatores: a) a quantidade de tempo que se despense com essa pessoa; b) a intensidade emocional do vínculo; e c) a intimidade, confiança mútua e reciprocidade.

Diante desta complexidade de possibilidades para motivar a formação de uma rede social digital, o autor divide os laços entre contatos nas categorias Fortes, Fracos e Ausentes. Enquanto os laços fortes qualificam a rede de relacionamentos virtual ao se formar, essencialmente, por aqueles que se tem vínculo de afeto, intimidade e, a supor, confiança mútua e reciprocidade, os laços fracos respondem pela robustez quantitativa

da rede de contatos virtuais. Os laços firmados pelas redes sociotécnicas são associativos, provocando uma comunicação reativa e não dialógica.

É através dos laços fracos que se amplia o círculo de relacionamentos, a partir de caminhos que se espalham em várias direções, entende Granovetter (1973). E, sob esta análise, os casos de compartilhamento de *fake news* tornam-se uma prática muito mais espontânea entre os laços fracos, sejam estes um público vulnerável a quem se deseja influenciar ou pessoas que supõem-se compartilhar dos mesmos valores e a quem se quer impressionar por variadas motivações de interesse. Ao analisar os limites ou a falta deles pelos usuários das redes sociais, Luís Mauro Sá Martino (2014), pondera o uso político das mídias sociais e analisa o surgimento da “Esfera-Pública” virtual:

[...] o domínio dos territórios da internet e do uso das mídias digitais é político: o controle universal do acesso (com o uso, por exemplo, de uma senha pessoal ligada ao documento de identidade) eliminaria o anonimato da rede. Isso é visto por alguns como uma possibilidade de inibir crimes no ciberespaço ao garantir a possibilidade de rastreamento de todos os acessos, links, e sites visitados, enquanto outros entendem que o fim do anonimato seria o fim de um tipo de liberdade de expressão que só existe na internet, por conta dessa ausência de identificação (MARTINO, 2014, p. 88).

Para Martino (2014, p.90), “seria tentador pensar na Internet como uma elaboração contemporânea da Esfera Pública, entendida, a princípio, como o espaço democrático de troca de ideias entre cidadãos”, já que tal conceito, a partir dos entendimentos de Jürgen Habermas (1962), está diretamente ligado à Democracia. Contudo, é importante levar em consideração que a internet introduziu uma nova dimensão às questões públicas e privadas.

Martino (2014) também comenta o autor norte-americano Yochai Benkler que observa que o conceito da “Esfera Pública conectada” explica que a “arquitetura da informação elimina, ou ao menos diminui consideravelmente, essa assimetria entre emissão e recepção, fazendo com que possam dizer o que estão pensando num espaço público” (MARTINO, 2014, p.113). Ou seja, “a agenda política da sociedade ganha independência relativa dos assuntos discutidos nos meios de comunicação” (MARTINO, 2014, p. 114).

Os produtores de *fake news* ignoram a realidade que não converge com suas expectativas, tanto quanto se aproveitam dos fatos para criar o pós-fato e através das

conexões vinculadas aos laços fracos, como classificado por Granovetter (1973), disseminam ideias descoladas da verdade, influenciam a opinião pública e a massa da sociedade.

3. CONFLITOS EM REDE

Por motivos que nada se assemelham às difíceis condições enfrentadas pelos venezuelanos na atual crise humanitária, brasileiros também têm saído em busca de uma “grama mais verde”, como sugeriu Bauman (2016) e, mais recentemente, com o desemprego recorde no Brasil, elegeram Portugal como o principal destino para tentar uma vida mais próspera. Porém, conforme Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2017, elaborado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)⁷, houve recorde de 1.336 brasileiros impedidos de ingressar no país no ano passado, o que representou 62,3% do universo de estrangeiros. E, da mesma forma que a xenofobia foi praticada por brasileiros contra venezuelanos, em Portugal reações xenófobas aumentaram em 150% contra brasileiros, segundo o último relatório da Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR), órgão de combate às práticas discriminatórias em Portugal.⁸

Portanto, as dificuldades de acesso dos brasileiros a Portugal que antes eram apenas de ordem burocrática, agora também apresentam perfil de resistência social por parte dos portugueses. Em mesma matéria publicada pela Folha de S. Paulo (2019), Cynthia de Paula, presidente da Casa do Brasil, ONG que presta assistência a brasileiros em Portugal, disse que talvez a xenofobia não tenha aumentado efetivamente, mas através das redes digitais ganhou maior visibilidade.

De toda forma, apesar de motivações diferentes, brasileiros também experimentaram esforços frustrados em processo de migração para fugir de um país em crise econômica e passaram a sentir o agravo da xenofonia no processo migratório. E

⁷ MARIN, C. Denise. Portugal quer mais brasileiros, mas barrou 1336 brasileiros no ano passado. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/portugal-quer-mais-imigrantes-mas-barra-1-336-brasileiros-no-ano-passado/>>. Acesso em 01 jul. 2019.

⁸ MIRANDA, Giuliana. Queixas de discriminação contra brasileiros em Portugal dispararam em 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/queixas-de-discriminacao-contra-brasileiros-em-portugal-dispararam-em-2018.shtml>>. Acesso em 01 jul 2019.

também em Portugal, as manifestações de aversão à população estrangeira contaram com o ambiente das redes sociais digitais para serem reverberadas.

De acordo com Bauman (2016):

O fluxo de refugiados impulsionados pelo regime de violência arbitrária a abandonar suas casas e propriedades consideradas preciosas, de pessoas buscando abrigo dos campos de matança, acrescentou-se ao fluxo constante dos chamados “migrantes econômicos”, estimulados pelo desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde: de terras empobrecidas, sem perspectiva alguma, para lugares de sonho, ricos em oportunidades (BAUMAN, 2016, p. 09).

Alguns conflitos detêm raízes mais antigas. Em 2001, Pacaraima já havia sido palco de atrito. A jornalista Eliane Brum (2008) abordou a situação “estratégica” da região de Roraima na reportagem A Guerra do Mundo, compilada no livro O Olho da Rua. “Roraima é uma terra isolada, ligada ao resto do país apenas por uma transfusão de recursos – intensa e de mão única – de Brasília para o estado” (BRUM, 2008, p.589).

Em sua reportagem “Roraima e o mundo abriram a semana passada com a notícia de mais um suposto sangrento conflito entre muitos que já ocorreram ...”, publicada no jornal Tribuna, de Boa Vista, em setembro de 2001, a autora mostra que os conflitos em Roraima precedem a chegada dos venezuelanos. Brum (2008) revelou que o Estado foi alvo de migrantes brasileiros que buscavam “ganhar a vida” como imigrantes estrangeiros fizeram no passado. Apenas em um ano da década de 1980, cerca de 11 mil brasileiros chegaram ao Estado, gerando conflitos entre migrantes, grileiros, o povo local e os índios Yanomami.

No entanto, uma das notórias diferenças entre os conflitos de 2001 em Pacaraima e os mais recentes com os venezuelanos é a ação de comunicação feita pela sociedade através das redes sociais digitais, hoje muito mais relevantes como influência da opinião pública e por onde transitam as *fake news*. Além disso, a falta de uma política de esclarecimento através da comunicação de massa por parte do governo federal deixa um espaço órfão para ser usado por quem se interessar em capitalizar com as tensões político-econômicas.

Bauman (2016) corrobora com este pensamento ao considerar que mudamos o registro a depender do que atrai momentaneamente nossa atenção: cada mundo tem seu

próprio conjunto de expectativas à espera daqueles que nele ingressam, assim como seus próprios padrões de comportamento que se recomenda seguir – e que decerto seguem. Para o autor, o medo impulsivo gerado pela visão de migrantes portando inescrutáveis perigos entra em luta com o impulso moral estimulado pela visão da miséria humana. Dificilmente será mais assustador o desafio à moral quando esta tenta persuadir a vontade a seguir seu comando; e dificilmente será mais dolorosa a tarefa da vontade ao tentar tapar seus ouvidos às ordens da moral.

Acerca das contingências em torno das relações virtuais e seus efeitos sobre os movimentos migratórios, Bauman (2016) descreve comportamentos incoerentes que podem partir dos mesmos indivíduos, o que nos apresenta uma nova ordem para que se possa medir, avaliar e considerar a opinião pública.

Dentro do mundo *off-line* eu estou *sob controle* – espera-se que me submeta ao controle de circunstâncias contingentes, voláteis, e muitas vezes sou forçado a isso – para que obedeça, me ajuste, negocie meu lugar, meu papel, assim como o equilíbrio de direitos e deveres – tudo isso vigiado e imposto pela sanção, explícita ou suposta, da exclusão e da expulsão. Enquanto no mundo *on-line*, pelo contrário, eu sou responsável e estou *no controle*. *On-line*, sinto que sou o administrador das circunstâncias, aquele que estabelece a agenda, recompensa a obediência e pune a indisciplina, que detém a arma do banimento e da exclusão. *Eu pertencço* ao mundo *off-line*, enquanto o mundo *on-line* *pertence a mim*. Passar do mundo *off-line* para o *on-line* assemelha-se a entrar num mundo obediente à minha vontade, pronto e ansioso por concretizar meus desejos (BAUMAN, 2016, p. 76).

Enquanto informações distorcidas ou inventadas tentam dar conta das expectativas e anseios de brasileiros que querem formar opinião acerca das migrações forçadas dos venezuelanos - que continuam a eleger o Brasil como uma das portas de saída para se livrarem do caos no qual permanece a Venezuela -, a interiorização tem cumprido apenas a missão de diluir os problemas sociais que tencionaram as relações bilaterais em Pacaraima.

Em Manaus, conforme publicado pelo site National Geographic (2019), venezuelanos vivem sob pontes, acampados em regiões urbanas e em estado de caos social que pode ser assistido pela população local sob o efeito do “pânico moral” ou com a repulsa que a xenofobia prolifera.

Ao refletir sobre a resistência a migrantes, Bauman (2016) afirma que:

Os problemas gerados pela “crise migratória” atual e exacerbados pelo pânico que o tema provoca pertencem à categoria dos mais complexos e controversos: neles, o imperativo categórico da moral entra em confronto direto com o medo do “grande desconhecido” simbolizado pelas massas de estranhos à nossa porta. (BAUMAN, 2016, p. 77)

De acordo com Schwinn e Portela (2018), os venezuelanos não indígenas que migram para o Brasil têm alto grau de escolaridade, mas pouco conhecimento da língua portuguesa. Além disso, Schwinn e Portela (2018) apontam resultado do “Perfil Sociodemográfico e Laboral da Imigração Venezuela no Brasil”, de 2017, realizada pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), com o apoio do ACNUR, pelo qual grande parcela dos entrevistados afirmam ter sofrido preconceito praticado por cidadão comum por serem estrangeiros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como contribuição acerca dos desafios da comunicação social, este artigo traz como consideração final a importância de, a despeito dos esforços do governo brasileiro em promover a interiorização dos refugiados venezuelanos, adotar práticas publicitárias mais eficazes para o esclarecimento do sentido humanitário das práticas de acolhimento a migrantes em situação forçada. Isso porque, a pesquisa tratou de tema que ainda irá permear grandes debates sobre o desafio da comunicação e das fontes de formação da opinião pública frente ao fenômeno das fake news através das redes digitais sociais.

Apesar dessas plataformas terem conquistado espaço até mesmo nas estratégias de comunicação de governo, seu uso indevido para a disseminação de informações que distorcem a veracidade dos fatos toma espaço cada vez mais espaço no imaginário coletivo da sociedade contemporânea. Deste modo, sem a pretensão de esgotar as reflexões em torno do tema, este estudo sugere que a interiorização dos refugiados no Brasil demanda por políticas públicas não apenas para preservar os direitos humanos essenciais, assim como de programas de comunicação que sirvam para mediar e eliminar os pontos de conflitos entre migrantes e brasileiros. Além de enfraquecer as *fake news* e suas consequências xenófobas, a presença do estado no processo educacional sobre o programa de interiorização promoveria um ambiente mais

acolhedor para estabelecer o resgate da cidadania das pessoas em condição de refúgio. Diferente do Brasil de séculos passados, quando o fluxo migratório do pós-guerra contribuiu para suprir a necessidade de mão de obra tanto no campo como na indústria, no cenário atual os venezuelanos seguem tentando lançar nova sorte de vida em um país de economia estagnada, desemprego recorde e de polarização ideológica.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmund. (2016). **Estranhos à Nossa Porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.
- Flávia Mantovani. Após 1 ano, interiorização de venezuelanos alivia Roraima, mas falha na integração local. **Folha de S. Paulo**, 03 abril 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/interiorizacao-de-venezuelanos-alivia-roraima-mas-falha-na-integracao-local.shtml>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- GRANOVETTER, M. (1973). **The strength of weak ties**. In: American Journal of Sociology, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, p.1930-1938.
- Mais de 160 países adotam Pacto Global para a Migração. **Nações Unidas Brasil**, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mais-de-160-paises-adotam-pacto-global-para-a-migracao/>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- MARQUES, Pablo. 72% dos brasileiros leem notícias nas mídias sociais. **Poder 360**, Brasília, 25 dez. 2016. Disponível em: <https://direito eleitoralinfo.wordpress.com/2018/07/29/72-dos-brasileiros-leem-noticias-nas-midias-sociais/>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- NATIONAL GEOGRAPHIC. **A precária vida dos imigrantes venezuelanos em Manaus**. Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/photography/2019/05/precaria-vida-dos-imigrantes-venezuelanos-em-manaus?image=Caritas_refugiados_foto-thaysbittar. Acesso em: 01 jul. 2019.
- Número de refugiados e migrantes da Venezuela no mundo atinge 3,4 milhões. **Agência da ONU para Refugiados**, 25, fev. 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/02/25/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-mundo-atinge-34-milhoes/>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- PASE, Nathália. Entenda as diretrizes do Pacto Global de Migração; Brasil saiu do acordo. **Poder 360**, Brasília, 09 jan. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/entenda-as-diretrizes-do-pacto-global-de-migracao-brasil-saiu-do-acordo/>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- SANTAELLA, Lucia. **A Pós verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019, p. 30-31
- SCHWINN, Simone Andrea; PORTELA, Êmily de Amarante: **VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade** [recurso eletrônico]. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <https://seminariocorpo generosexualidade.furg.br/images/arquivo/203.pdf>